

<b>Título</b>	Faltam Engenheiros e Técnicos em Portugal	<b>Data</b>	08-02-08
<b>Fonte</b>	Diário de Notícias / Bosa	<b>Página</b>	1, 2 e 3



Emprego. Enquanto uns desesperam para arranjar trabalho, há empresas que não conseguem encontrar profissionais para desenvolver os seus negócios, a ponto de terem de recrutar além-fronteiras. Actualmente, já há 303 empresas nacionais à procura de empregados em vários países da Europa

## FALTAM ENGENHEIROS E TÉCNICOS EM PORTUGAL

Profissões que fazem falta às empresas

**ANA TOMÁS RIBEIRO** e **CÁTIA ALMEIDA**

A falta de alguns profissionais em Portugal está a levar as empresas portuguesas a procurar quadros no estrangeiro. Neste momento, já existem 303 companhias nacionais com ofertas de emprego na rede Eures (rede europeia de oferta e procura de emprego), disse ao DN o presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), Francisco Madelino. Procuram médicos, farmacêuticos e engenheiros informáticos, mas também operários de metalurgia, metalomecânica e construção civil.

A escassez de pessoas qualificadas em áreas como as engenharias e as tecnologias de informação preocupa as empresas no desenvolvimento de algumas áreas de negócios. A Technoedif, a Efacec, a Ensulmec e a Galp (esta mais no que respeita a quadros intermédios), são apenas alguns exemplos de companhias contactadas pelo DN que manifestaram a preocupação no processo de recrutamento e atracção de quadros, por escassez dos mesmos. Empresas que estão em expansão mesmo a nível internacional.

A preocupação poderá ser maior quando se percebe que estão a nascer um conjunto de novos projectos para as áreas industriais onde não existem profissionais qualificados. "Estamos a procurar pessoas no estrangeiros ria área das energias renováveis, como solar e biodiesel, para virem trabalhar para Portugal", afirmou ao DN João Nunes, responsável pela área de engenharia e tecnologias na Michael Page, empresa de recursos humanos que faz recrutamento para várias companhias.

Nas engenharias tradicionais, adianta, Portugal é um país competitivo e até tem bastante procura de empresas de outros países. "Existem bons profissionais e a preços não muito altos".

Também Amândio da Fonseca, presidente da Egor, outra empresa de recrutamento, diz que na área das ciências e engenharia há uma "subprodução de quadros em Portugal". Há falta de engenheiros mecânicos e técnicos para a indústria. E estes, quando finalizam os seus cursos, conseguem imediatamente encontrar um lugar no mercado de trabalho.

Cursos com pleno emprego

Adalberto Pedras, 29 anos, acabou o curso de Electrónica e Instrumentação Industrial na Escola Tecnológica do Litoral Alentejano, em Sines, em Julho de 2000, e no final do Verão do mesmo ano teve uma oportunidade para estagiar numa empresa em Lisboa, a Tecnilab, onde se tornou quadro efectivo pouco tempo depois. Emprego não lhe faltou, mas estava de certa forma desanimado com o facto de ter saído de Sines, a cidade onde nasceu e onde queria ficar.

Um ano e meio depois a sorte bateu-lhe à porta. A EDP tinha contactado a escola onde se tinha formado à procura de profissionais qualificados para a central termoeléctrica de Sines. A escola deu o contacto de Adalberto e este foi convidado para os quadros da eléctrica.

O salário era menor do que o que ganhava em Lisboa. Mas as poupanças nas deslocações e a proximidade da família compensavam o resto. Hoje leva para casa ao fim do mês cerca de mil euros e já acabou um outro curso, o de engenharia de automação, controlo e instrumentação no Politécnico de Setúbal "Se quisesse sair de Sines já podia estar a ganhar mais e com outras perspectivas de carreira, porque oportunidades de emprego para engenheiros desta área não faltam, mas não estão aqui", afirmou ao DN.

<b>Título</b>	Faltam Engenheiros e Técnicos em Portugal	<b>Data</b>	08-02-08
<b>Fonte</b>	Diário de Notícias / Bosa	<b>Página</b>	1, 2 e 3



Ele, tal como os seus colegas formados na Escola Tecnológica de Sines, diz que este estabelecimento é um trampolim para o emprego, porque os cursos que lecciona são à medida das necessidades das empresas.

Mas não é a única. A falta de engenheiros e profissionais de tecnologias de informação no mercado português está a garantir o pleno emprego a muitos alunos destes cursos. O Instituto Superior Técnico, por exemplo, recebeu em 2007 cerca de 900 ofertas de postos de trabalho na área da informática. Mas os potenciais candidatos eram apenas os 300 finalistas daquele curso. Neste instituto, 42% dos alunos arranjam emprego antes de concluir a sua licenciatura, enquanto 18% demoram até um mês para o conseguir.

Na Universidade da Beira Interior (UBI) todos os dias é recebida uma proposta de trabalho para a área de informática e todas as semanas aparece uma para electromecânica. De um modo geral, os cursos de engenharia têm muitas ofertas e o número de inscritos é reduzido, alguns cursos têm apenas 20 ou 25 alunos", afirma ao DN Rogério Palmeiro do gabinete de estágios da UBI.

Do mesmo se queixa a Universidade do Minho. As solicitações para empregos, no caso de alguns cursos de engenharia, são superiores ao número de alunos. É o caso das áreas de informática, onde a taxa de empregabilidade é de 100%, explica Joana Martins, do departamento de estágio desta universidade. "Os informáticos têm emprego no mundo", destaca. Por isso, "as empresas recrutam estes profissionais, bem como engenheiros de outras especialidades, não só para o mercado português, como para outros países onde operam". Em vantagem estão os que sabem "inglês e espanhol e ainda mais quem também fala italiano e alemão".

Na Faculdade de Engenharia da Universidade Católica, a aceitação dos alunos no mercado de trabalho tem sido de 100%. "Existem vários casos em que os alunos iniciam os seus empregos antes de concluírem os cursos.

Nos cursos como os de engenharia civil, do ambiente e urbanismo, informática, biomédica e clínica a aceitação por parte das empresas e instituições de saúde ronda os 100%", frisa Manuel Barata Marques, director da faculdade.

## PROCURA DE QUADROS

Recursos que faltam em Portugal também escasseiam no estrangeiro

São 11 mil no total as empresas inscritas na rede Eures (rede europeia de oferta e procura de emprego), com ofertas de emprego, disse ao DN o presidente do Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), Francisco Madelino. Muitas procuram os mesmo quadros que Portugal. Nas áreas das engenharias ligadas à informática e novas tecnologias a escassez de profissionais vai além- -fronteira.

Mas ao mesmo tempo também há 275 mil profissionais à procura de emprego na mesma rede, 15 mil dos quais são portugueses. É por isso que Francisco Madelino defende que os novos profissionais portugueses têm de saber línguas e informática, dois requisitos essenciais para arranjarem emprego. "Até porque hoje os quadros devem pensar em termos globais", sublinha.

Alunos de Engenharia do Vestuário em posições de destaque

Existem muitos casos de sucesso entre os alunos do curso de Engenharia do Vestuário, da Universidade do Minho. A responsável pelo departamento de estágios desta instituição destaca o exemplo de António (nome fictício), que a meio do curso decidiu concorrer a uma vaga na empresa têxtil Caramelo. Foi aceite de imediato(e acabou por não finalizar a licenciatura).

Actualmente, passados dez anos, é director de produção na mesma empresa. Outro dos casos de sucesso e o de uma aluna que estagiou na Inditex, empresa detentora da marca Zara, na Corunha, em Espanha. Em 2005, foi convidada para ir para a China, onde está a chefiar a produção da Inditex.

<b>Título</b>	Faltam Engenheiros e Técnicos em Portugal	<b>Data</b>	08-02-08
<b>Fonte</b>	Diário de Notícias / Bosa	<b>Página</b>	1, 2 e 3



Outro aluno bem sucedido optou por fazer um estágio na Salsa, oferta feita pela própria universidade. Esteve na Irmãos Villa Nova, detentora daquela marca de vestuário, entre 2001 e 2003. Posteriormente, foi para a Polopique, onde é agora director de produção no Brasil.

Licenciada em turismo esteve a receber 495 euros na recepção de um hotel

Isabel concluiu a licenciatura em turismo em 2001, no Instituto e Novas Profissões. Esperou sete meses para conseguir o primeiro emprego na Top Atlântico. "Na altura não se ganhava mal, recebia 650 euros, agora nas mesmas funções nem 600 euros pagam". Passados seis meses decidiu partir para Londres. "Demorei uma semana a arranjar trabalho na recepção de um grande hotel de quatro estrelas a receber 900 libras [1200 euros]". Mas motivos pessoais trouxeram Isabel de volta a Portugal, onde se empregou também na recepção de um hotel, mas desta vez o salário era de 495 euros. As folgas eram rotativas e raramente conseguia um fim-de-semana livre.

Apesar de no final de um ano ter sido aumentada para 600 euros, Isabel decidiu tirar o exame de guia-intérprete e tentar a sorte nesta profissão. Actualmente trabalha cerca de seis meses por ano (quando é chamada), mas o que ganha dá para uma média de 800 euros durante 12 meses.

Escolas profissionais com empregos garantidos

Formação. Na escola de Sines há pleno emprego. E ainda há falta de profissionais

A Escola Tecnológica do Litoral Alentejano, em Sines, é um dos estabelecimentos de ensino portugueses que se mais profissionais formasse mais colocaria no mercado de trabalho. Com excepção dos alunos que terminam o curso profissional e querem continuar a estudar - porque a escola também lhes dá a equivalência ao 12.º ano, além de uma carteira profissional praticamente todos os outros têm emprego, um ou dois meses depois de acabarem o curso.

Quem o diz são os próprios alunos da escola contactados pelo DN (ver texto principal e caixas), assim como o director da escola, o professor Joaquim Marques.

"Neste momento temos seis cursos técnico-profissionais para quem ainda não tem o 12º ano, e ainda outros três que desenvolvemos em cooperação com os institutos politécnicos de Setúbal e de Beja de formação superior. A taxa de empregabilidade dos nossos alunos é de quase 100%", afirma Joaquim Marques.

Localizada no complexo petroquímico de Sines, aquele estabelecimento de ensino forma profissionais à medida das necessidades das empresas da região, mas já conta com alunos de Lisboa e até do Porto.

Assim, para quem ainda não tem o 12.º ano, a escola oferece os seguintes cursos: electrónica, automação e instrumentação, mecânica, informática de gestão, higiene e segurança no trabalho, análise laboratorial e química industrial. No total dos seis cursos, a escola formou 208 alunos no ano lectivo 2006 e 2007. Todos já estão a trabalhar, sublinha Joaquim Marques.

A Galp, Repsol, EDP e o porto de Sines são algumas das grandes empregadoras destes profissionais. Por isso, são também entidades associadas da escola, tal como as Câmaras de Sines e de Santiago do Cacém e a AI- CEP, apesar da principal fonte de financiamento do estabelecimento de ensino continuar a ser o Fundo Social Europeu.

Agora, a preocupação da escola é dar resposta às necessidades de profissionais que os projectos que vão instalar-se em Sines vão exigir, sublinha Joaquim Marques.

Sucesso da Câmara Alemã

Também a escola profissional Dual se orgulha da taxa de empregabilidade dos alunos - 97%. Este estabelecimento de ensino nasceu da iniciativa da Câmara de Comércio e Indústria Luso-alemã, por os seus associados terem dificuldade em recrutar técnicos. Actualmente, a escola conta com 47 cursos em diversas áreas de aprendizagem e 683 alunos. O número de empresas presentes neste projecto ascende já às 330, sendo apenas 20% de origem alemã.

<b>Título</b>	Faltam Engenheiros e Técnicos em Portugal	<b>Data</b>	08-02-08
<b>Fonte</b>	Diário de Notícias / Bosa	<b>Página</b>	1, 2 e 3



Hans Joachim Böhmer, director da Dual e executivo na CCILA, afirmou ao DN que os cursos mais solicitados pelas empresas ao nível da qualificação inicial de jovens são os da área administrativa (técnico de gestão administrativa e técnico de transportes), os da área de manutenção (técnico de manutenção industrial e de electricidade), automóvel (mecatrónica automóvel e técnico de pintura automóvel) e energia (técnico de sistemas energéticos).

Um grupo de empresas alemãs, nomeadamente a Autoeuropa, Siemens e Bosch, esteve igualmente envolvido na criação de outro centro de formação, a **ATEC**. A escola dá formação não só a empregados daquelas empresas, como a outras que podem solicitar cursos por medida. Aliás, a escola recebe muitos pedidos de formação para outras empresas.

A academia de formação distingue-se sobretudo nas áreas de mecatrónica automóvel, automação industrial, mecânica industrial e gestão de redes informáticas. ATR/CA

## TURISMO QUER MAIS QUADROS

Sector precisa de profissionais, mas não oferece remunerações atractivas

Continua a haver falta de cozinheiros, de profissionais de restauração ou bar e mesmo de outro tipo de quadros do sector turístico e hoteleiro, mas as remunerações que uma boa parte das empresas oferece não são atractivas para quem gostaria de seguir carreira nestas áreas. O que leva muitos dos que já têm a carteira profissional a seguir outros caminhos por onde possam ganhar mais dinheiro do que o que lhe pagam num emprego fixo no sector. Quem o diz é Pedro Vitorino, subdirector da Escola Hoteleira do Estoril, uma das mais reconhecidas na formação daquele tipo de quadros médios, na área de Lisboa.

No ano lectivo de 2006/ 2007, o estabelecimento formou 32 alunos, no curso de Restaurante e Bar, 50 no de Cozinha, 19 no de Alojamento Hoteleiro e 17 em Técnicas de Turismo. Mas os profissionais de cozinha e restaurante bar continuam a ser os mais procurados. Contudo, dos formados em cozinha só 70% se fixam na profissão e dos de restaurante e bar apenas 30%.

3 perguntas a... Francisco Madelino - PRESIDENTE DO INSTITUTO DO EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL

"100% dos jovens empregados deverão ter pelo menos 12.º ano"

- Quais são as profissões de que o mercado português mais precisa?

- Há dois conjuntos de profissionais que faltam no mercado. No grupo dos não qualificados, é preciso operários para os sectores da metalurgia e construção civil e empregados para serviços domésticos e de limpeza. Mas, como estamos no mundo global, a tendência é para que estas necessidades sejam satisfeitas com o trabalho de imigrantes. No grupo dos trabalhadores qualificados, licenciados ou com cursos técnico-profissionais, faltam pessoas que na sua formação cruzem competências na área das tecnologias, telecomunicações e informática. Estamos a falar de licenciados em engenharias ligadas às tecnologias e técnicos com o 12.º ano e um curso de formação nas áreas de manutenção e e operação de equipamentos industriais ou na área de física e química.

- Como explica a falta deste tipo de profissionais qualificados?

- Durante algum tempo houve uma desadequação da oferta do ensino superior relativamente às necessidades do mercado de trabalho face à evolução económica do País e ao nível do ensino técnico-profissional houve um grande retrocesso no pós-25 de Abril. Só nos anos 80 foram criadas as escolas profissionais e sistemas de aprendizagem.

- Como combater estes défices?

- O objectivo é que os jovens que entram anualmente para o mercado de trabalho (entre 100 a 120 mil) tenham pelo menos o 12.º ano e sejam de áreas tecnológicas ou profissionais com forte ligação ao mercado. E o ideal era que 60% deles fossem licenciados. ATR